

RECENSÕES

Boyle, Karen (2005) *Media and Violence: Gendering the debates*. London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage;
Kitzinger, Jenny (2004) *Framing Abuse. Media influence and public understanding of sexual violence against children*. London: Pluto Press

Rita Basílio

Mestre em Comunicação e Jornalismo da Universidade de Coimbra

Tema clássico do estudo da comunicação de massa, o debate em torno do maior ou menor impacto social da violência representada nos *media* tem sido uma fonte inesgotável de posições mais ou menos radicais. Filiada em diversas correntes teóricas, a abundante pesquisa sobre a matéria tanto considera a violência mediatizada como um modelo importante de aprendizagem de comportamentos agressivos, como a isenta dessa responsabilidade.

Distanciando-se da visão dicotómica em que esse debate cristalizou, a obra de Karen Boyle oferece à discussão um contributo duplamente interessante. Por um lado, explora diversas facetas da relação entre a comunicação de massa e a violência ocorrida na sociedade; por outro, trabalha a dimensão de género do problema, tornando-a explícita nos discursos dos *media*, da academia e da cultura popular.

Partindo da perspectiva feminista, a investigadora inglesa analisa, em particular, a representação e o consumo da violência contra as mulheres. O tema acaba por funcionar como o fio condutor de uma obra que, além de revisitar a pesquisa sobre a teia de relações entre os *media*, o género e a violência no mundo real, procura ilustrá-la através do exame de casos conhecidos (Como o de Jack, o estripador ou o de O. J. Simpson).

Na primeira das três partes que compõem o título, Boyle debruça-se sobre os efeitos da comunicação de massa violenta. Crítica das teorias dos efeitos directos, a autora defende que a investigação desenvolvida tem contribuído para ocultar a natureza de género da violência e normalizar os comportamentos agressivos dos homens, autores, por excelência, dos crimes atribuídos à influência «perigosa» dos *media*.

A discussão é, ainda, centrada na representação e consumo da pornografia. Também neste caso, para Boyle, tecer uma ligação de causa-efeito entre conteú-

dos e comportamentos individuais é obscurecer a natureza sexista e misógina da generalidade desse tipo de produção, negligenciando, simultaneamente, o papel activo das audiências. É no momento em que as mensagens são recebidas que a representação da violência de género pode ter impacto junto do público, mas é também aí que o sentido das mensagens é negociado.

A segunda parte da obra é dedicada à cobertura noticiosa da violência. Boyle analisa as diferenças e semelhanças entre a forma como são representados, com base no género, vítimas e agressores de crimes sexuais, de homicídios e de maus tratos. Inovador, mesmo no quadro dos estudos feministas em comunicação, é o facto de dedicar todo o Capítulo quarto à imagem difundida das mulheres agressoras, tendencialmente menos susceptíveis do que os homens de verem os seus comportamentos desculpabilizados.

A terceira e última parte do livro incide sobre a violência como entretenimento. Tomando, mais uma vez, como ponto de referência o discurso feminista, a autora explora as formas como a comunicação violenta funciona no pequeno e no grande ecrã. O Capítulo cinco foca, especificamente, o cinema e o modo como posiciona os espectadores e o seu entendimento da violência entre géneros. Finalmente, o Capítulo seis analisa os mesmos aspectos num leque diversificado de formatos televisivos, produzidos nos Estados Unidos e na Grã Bretanha ao longo dos últimos 20 anos.

Obra que reforça a necessária articulação dos contributos da pesquisa sobre os efeitos com os estudos da produção e consumo das mensagens, *Media and Violence* é ainda um documento importante para clarificar como o entendimento dominante da violência interpessoal, dentro e fora dos *media*, depende, em última instância, da compreensão das relações entre géneros.

Direccionada especificamente para a produção, representação e consumo da violência sexual contra as crianças, a obra de Jenny Kitzinger, editada em 2004, converge exactamente no mesmo sentido. Para a investigadora britânica, o estudo da influência dos *media* e do entendimento dos públicos da problemática dos abusos sexuais é tão indissociável da pesquisa dos efeitos e do papel desempenhado pelas audiências quanto a temática do género relativamente à violência.

Kitzinger não passa simplesmente em revista os principais contributos da investigação desenvolvida sobre a representação da pedofilia, tema amplamente mediatizado nos últimos anos no nosso país. A autora entrelaça os principais resultados dos trabalhos vindos a público com o produto da sua própria investigação.

A importância de *Framing Abuse* reside, justamente, na riqueza dos dados empíricos apresentados. Resultantes de entrevistas de fundo e de discussões de grupo com agentes envolvidos nos abusos, traduzem duas décadas de trabalho sobre uma problemática que foi granjeando diferentes graus de visibilidade.

A obra é exímia em mostrar como, ao longo do tempo, as agressões sexuais a crianças passam de tema-tabu, difícil de verbalizar e descrever, a assunto amplamente discutido. Inseparável do papel da comunicação de massa, a evolução conduz os crimes sexuais na família a um lugar privilegiado quer nos discursos públicos, quer nos discursos quotidianos.

É à sombra desse movimento, pautado não apenas pelo desempenho das organizações mediáticas, como também dos públicos, que o impacto social dos *media* deve ser, na visão de Kitzinger, discutido e pensado.